O sono da razão num bar escuro e deserto

Jean-Claude Carrière

Foi assim que tudo começou, pelo encontro de dois sonhos. Dali sonhou com uma mão cheia de formigas. Buñuel sonhou com uma navalha que cortava a lua em dois. Assim nasceu *Um Cão Andaluz.* Mas já dá para notar que a imagem não é aproveitada tal como aparece no sonho. Não é a imagem em estado bruto. O espírito crítico e a reflexão, ou, simplesmente, uma nova imaginação, podem transformá-la. E assim, a lua, no filme, transformou-se num olho de mulher.

Buñuel apoiou-se sempre no sonho. Sobretudo, creio, em *O charme discreto da burguesia*, onde o Sonho não tinha medo de se declarar, e rir disso. Toda a seqüência na rua deserta, o encontro com o amigo morto, depois com a mãe, foi tudo realmente sonhado por Buñuel. Na verdade, ele adora o sonho. Faz suas as palavras de André Breton a respeito de alguém: "É um salafrário. Não sonha nunca." Gostaria que o deixassem sonhar um tempo enorme. Quanto aos seus pesadelos, confessa que são "deliciosos".

Antigamente, quando filmava no México a toque de caixa, dizia aos produtores: "Se o filme ficar muito curto, eu ponho um sonho."

Mas as imagens também vêm de outros lugares. De onde? Não se sabe muito bem. Da lembrança - ou do esquecimento. Da cultura, também, da coisa vista. Do sonhar acordado, sono da razão tão conhecido dos espanhóis.

Dizer que elas surgem do inconsciente é substituir uma palavra por outra. É por isso, sem dúvida, que Buñuel explode em gargalhadas quando lê o que os psiquiatras escreveram sobre ele (e escreveram muito). As imagens passam, algumas se engancham, outras voltam, insistem.

Mas é, certamente, de um assunto que o interessa: Por que ele vê isso? Por que nesse momento? Essa imagem deve ser mostrada na tela? Como fazê-lo? Vale a pena mostrá-la? Como será vista pelos outros?

Há uma certeza, no meio de todas essas perguntas irritantes: é possível provocar as imagens. A imaginação é uma faculdade que se pode exercitar. Ela exige a meditação, a concentração, um grande repouso da alma e do corpo, um lugar privilegiado.

Em se tratando de Buñuel, este lugar privilegiado é um bar. Não um bar qualquer. Ele deve ser bastante escuro, muito confortável e, na medida do possível, deserto. Desde que começamos a trabalhar juntos, isto é, há quatorze anos, Buñuel escolhe os hotéis onde ficamos sobretudo pelo bar. Todo dia, ele desce antes de mim. Eu o deixo sozinho por uns vinte minutos. Quando vou encontrá-lo, sente-se na obrigação de me contar alguma coisa que acabou de "inventar". Às vezes é uma simples imagem, outras uma seqüência de imagens, de vez em quando uma cena completa. Eu o escuto.

Muitas vezes, isso não tem nada a ver com o roteiro

em que estamos trabalhando. É um mero treino ritual, exatamente como um atleta aquecendo os músculos. Um apelo às imagens, que acorrem, para nossa escolha, vindas dos cantos mais escuros do bar - assim como aquele saco de pano grosso, em *Esse Obscuro Objeto do Desejo,* que a gente arrasta, cheio, sem dúvida, de todos os nossos velhos obstáculos. Mas, quando o abrimos, ele contém - vemos, nesse momento, até o fundo de nós mesmos? - apenas um pedaço de renda ensangüentada.

Fazer durar sobre uma tela algumas imagens, que, sem isso, ficariam perdidas. Que atravessavam o bar naquele momento, a toda velocidade. É preciso enfim reconhecer que esse exercício da imaginação é favorecido, sem sombra de dúvida, pela absorção muito lenta de um excelente *dry-martini.*